

Jornal Noticias

14-07-2021

Periodicidade: Diário

Classe:

Informação Geral

Âmbito:

Nacional

Pagina(s): 30

O radicalismo defensivo do PSD



José Luís Carneiro
Secretário-geral-adjunto
do PS

Depois de um posicionamento político moderado, os efeitos nacionais do acordo do PSD com o Chega nos Açores originaram um radicalismo no discurso público que não pode deixar de ter nefastos efeitos nos níveis de confiança na vida política. Pela superficialidade das posições políticas e pelo radicalismo da linguagem. Mesmo tratando-se de uma resposta à perda de uma parte do seu eleitorado, contribui para diluir o grande espaço político de diálogo entre o centro-direita e o centro-esquerda.

O caso de Tancos, sendo anterior a essa deriva, não deixa de ser emblemático. Chamar um assunto de Estado à campanha eleitoral exibiu, no mínimo, uma pulsão demagógica. Só o julgamento o dirá, mas, a avaliar pela informação pública, Azeredo Lopes foi vítima de um aproveitamento político inaceitável. Como, aliás, hoje acontece com Eduardo Cabrita.

A adoção de uma tática de guerrilha conduz ao abandono do centro político e explica a perda de algum do sentido institucional o que, aliás, também foi evidente durante a presidência portuguesa da União Europeia.

Primeiro, foi a questão do procurador europeu, ignorando que o mesmo tinha sido objeto de uma prévia qualificação da responsabilidade do Conselho Superior do Ministério Público. Depois, os ataques ao Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) por alegada falta de mecanismos de transparência e por ausência de apoio às empresas. Afinal, a Comissão Europeia veio dar nota máxima ao modelo de transparência previsto e aos instrumentos de controlo. Por outro lado, o PRR português destina 30% dos seus recursos aos apoios diretos às empresas, o que compara com 25% no caso da Espanha e 23% no caso da França.

Afirmar uma alternativa é um dever da oposição. Mas, na política, como na vida, não pode valer tudo.